



A REVISTA “ESPAÇO E CULTURA”: O CONTEXTO E O TEXTO

■ ZENY ROSENDAHL ¹

Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) e Professora Pesquisadora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo/UERJ. E-mail: zeny.rosendahl@gmail.com

■ ROBERTO LOBATO CORRÊA ²

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professor Adjunto aposentado do Instituto de Geociências da UFRJ. E-mail: lobatocorrea39@gmail.com



Em 2009 vários geógrafos comentaram a respeito dos 20 anos da publicação do livro *Maps of Meaning – an Introduction to Cultural Geography*, publicado pela Routledge e de autoria do geógrafo inglês Peter Jackson. Trata-se de livro que marca formalmente a passagem de uma geografia cultural saueriana para a geografia cultural à época denominada de “nova geografia cultural”, apoiada em outras bases e que privilegiava os significados. Os comentaristas do livro em tela apontam a importância de *Maps of Meaning* que, de fato, constituiu-se em referência básica no âmbito da história do pensamento geográfico, especialmente na história da geografia cultural de língua inglesa. Os comentários feitos constituem, em realidade, uma prática corrente na geografia europeia e norte-americana. Autores, livros e periódicos são, assim, vistos como fundamentais para um dado campo de conhecimento.

Há vários modos de se analisar um autor, um livro ou um periódico. Em princípio, nenhum dos modos é melhor que os outros. No caso de um periódico, como de um livro, ou mesmo de um autor, um modo significativo de análise é considerar o contexto da

produção e o texto produzido. Contexto e texto balizam a análise do livro, autor ou periódico. Ambos estão conectados entre si, mas há uma relativa autonomia entre eles. O contexto pode ser visto como situando-se na esfera do particular e o texto no âmbito do singular, na manifestação do particular na singularidade contida no autor, na obra ou no periódico. Em outras palavras, em um mesmo contexto encontram-se para um mesmo tema diferentes textos, revelando as diferentes incorporações da mesma proposta contida no contexto.

Este comentário analisa a Revista *Espaço e Cultura*, publicada pelo NEPEC - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura - desde 1995, completando assim 25 anos de existência. Serão considerados aqui o contexto da criação e a existência do referido periódico, assim como os textos nele publicados.

O Contexto

O contexto no qual a pesquisa se dá é o ambiente no qual a pesquisa é concebida, preparada, executada, as informações são analisadas e as reflexões efetivadas. Este contexto não se reduz à universidade, mas a extrapola, incluindo a sociedade e a organização espacial dela. Tem, assim, um lado interno, a universidade e mais especificamente o departamento ou o núcleo de pesquisa, e um lado externo, a sociedade e seu espaço. Os dois lados estão relativamente interconectados, mas há uma relativa autonomia do lado interno, autonomia que deriva do corpo de pesquisadores, envolvendo formação acadêmica, motivação e capacidade de pesquisa e recursos como biblioteca, instrumental e recursos financeiros. O lado interno envolve também as relações com outros núcleos de pesquisa, criando redes de interesses, seja temático, seja técnico e metodológico, sejam ambos. Pode-se, em realidade, falar em um “*genius temporis*” e em um “*genius loci*”. Ambos estão interconectados e o caráter positivo de ambos, criando uma forte integração, favorece muito o desenvolvimento da pesquisa.

O “*genius temporis*”, isto é, o espírito do tempo, seja de natureza social, econômica, política, das ideias, tem um forte peso no processo de pesquisa, decorrente do espírito saudável para a realização da pesquisa. Em um ambiente onde há um severo controle ideológico, implicando na escassez de recursos de toda ordem, as possibilidades de pesquisa são pequenas. Mas dentro de certos limites é possível que em um ambiente desfavorável pequenos grupos de pesquisadores possam desenvolver algumas pesquisas na contramão de um ambiente, de um “*genius temporis*” desfavorável. O “*genius loci*”, o

espírito do lugar, por sua vez, é o ambiente local onde a pesquisa se realiza. Condensa as possibilidades e dificuldades da pesquisa. Está centrado no corpo de pesquisadores e depende muito da liderança acadêmica do coordenador. Formação acadêmica, motivação e capacidade de pesquisa são essenciais, assim como a harmonia entre os membros da pesquisa. “*Genius temporis*” e “*genius loci*”, repita-se, são os elementos fundamentais que criam o contexto no qual a pesquisa se realiza.

O contexto é uma construção social, portanto de natureza histórica. Apresenta uma temporalidade que gera a criação, o desenvolvimento e a transformação do lugar onde a pesquisa se realiza. Mudanças no volume de pesquisas, em sua qualidade, assim como mudanças temáticas, ocorrem. Qual é o tempo de duração de um dado contexto de pesquisa? Que fatores asseguram a maior ou menor duração de um contexto favorável à pesquisa? Estas são questões que merecem a atenção de pesquisadores.

A criação, o desenvolvimento e a transformação de um periódico acadêmico estão inseridos em um dado contexto ou em uma sucessão de contextos. Ressalte-se, no entanto, que um periódico acadêmico constitui simultaneamente um produto de um ou vários contextos, em um meio no qual uma produção acadêmica contextualmente inscrita se dá e em condição de reprodução ou transformação do periódico. Este, enfatize-se, está inserido em um ou vários “*genius temporis*” e em um ou vários “*genius loci*”. Mas esta inscrição não é estritamente necessária, podendo o periódico não ser criado ou sendo-o mais tarde. Nesse sentido, a história de um periódico constitui um capítulo da história daquele campo de conhecimento do qual o periódico é um meio de comunicação e afirmação de ideias.

A *Revista Brasileira de Geografia*, periódico do IBGE, é um exemplo. Criada em 1939, respondia à necessidade de se registrar e comunicar os resultados de pesquisas que procuravam divulgar o conteúdo físico e social do território brasileiro. Seu desaparecimento entre 1996 e 2016 deve-se à visão tecnocrática de que a universidade, já bem desenvolvida, poderia cumprir o papel que até então era desempenhado pela *Revista Brasileira de Geografia*. A criação do *Boletim de Geografia Teorética*, vinculado ao curso de geografia da UNESP, campus de Rio Claro, desenvolve bem a incorporação da visão teórica e quantitativa no Brasil, particularmente em Rio Claro, e entre geógrafos do IBGE.

A criação da *Revista Antipode – A Radical Journal of Geography* em 1969 respondia às necessidades de um periódico no qual a crescente produção crítica em geografia, de base predominantemente marxista, fosse comunicada. Este periódico fazia

um contraponto à criação de *Geographical Analysis*, da mesma década, que era o desaguadouro da produção geográfica derivada da denominada revolução teórica e quantitativa. A denominada “virada cultural” (*cultural turn*) dos anos 1980 e 90 produziu o aparecimento de periódicos de geografia cultural, adicionando ao *Journal of Cultural Geography*, criado em 1982 e de matriz saueriana, dois outros periódicos, criados na primeira metade da década de 1990, *Ecumene*, depois renomeado de *Cultural Geographies*, e *Géographie et Cultures*, o primeiro de língua inglesa e o segundo de língua francesa.

As primeiras marcas na Nova Geografia Cultural, na produção brasileira, surgiram no NEPEC – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura. A ideia de criar um núcleo de pesquisa com um grupo de pesquisadores foi a vontade de difundir a vasta referência adquirida no tempo do doutorado de Zeny Rosendahl, e contribuir para preencher a lacuna na geografia brasileira.

Ao rememorar os acontecimentos do passado recente, num relato de 27 anos de NEPEC, estamos privilegiando a memória particular do autor, que o escreve, mas também a memória histórica dos grupos envolvidos nessa narrativa. Trata-se de lembranças que carrego em mim, Zeny Rosendahl, mas sempre interagidas com o grupo social, com a instituição e a sociedade. Uso o conceito de memória histórica de Halbwachs em seu aspecto fundamental de compreensão em sua relação com o lugar. *Lieu de mémoire*, conceito criado por Pierre Nora, ao valorizar espaço e tempo do acontecido será utilizado neste artigo. Lugar e vida são os elementos que compõem a memória. A identidade de distinção e de pertencimento de um grupo com a instituição acadêmica à qual pertence, numa constante descoberta dos eventos, envolve a memória histórica do NEPEC. Possui um lugar fixo, um valor simbólico forte, uma prática de ritos acadêmicos e uma função definida. A sua criação ocorreu no Departamento de Geografia, tempo e lugar que ocupa na UERJ. As lembranças do pretérito e a suas experiências do lugar como memória exige questões que envolvem o pesquisador e o seu grupo social.

Essa é a única forma de analisar as ideias de geógrafos que permanecem isoladas, mas cujo *círculo de afinidades* é muito revelador, como nos ensina Berdoulay. Cursei um doutorado, sem dúvida, interdisciplinar e interinstitucional: Departamento de Sociologia da USP; no ISER - Instituto de Estudos da Religião; disciplinas na Geografia - USP/SP; na UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, e na própria UERJ, na disciplina de Sociologia da Religião – Prof. Pedro Ribeiro de Oliveira, e na Antropologia o Prof. José Flávio Pessoa de Barros. Nesse *círculo de afinidades* eventos independentes iriam convergir para a criação e infraestrutura necessárias à prática da Geografia Cultural, na

cidade do Rio de Janeiro. Em 1989, o Prof. Roberto Lobato Corrêa publicou na Revista Brasileira de Geografia o artigo intitulado *Carl Sauer e a Geografia Cultural*. Esse artigo nasceu de uma demanda da Editora Ática para elaboração de uma coletânea sobre Carl Sauer, mas que não foi publicada. Em 1989, no mesmo ano, a Prof. Zeny Rosendahl ingressa no doutorado na USP/SP com o estudo sobre *Um Centro de Peregrinação em Porto das Caixas*, defendida em 1994. A convergência dos dois eventos ocorreu por recomendação da Prof. Maria Cecília França ao sugerir a coorientação, no Rio de Janeiro, sobre o Urbano com o Prof. Roberto Lobato Corrêa.

O meu compromisso de reproduzir um lugar de novas reflexões ao término do doutoramento e sua localização estavam decididos: tinha de ser na Geografia da UERJ, e assim foi feito. Em 1993, na sala 4003, bloco D, sala da Prof. Zeny Rosendahl (*“lugar onde se pensam as ideias e se escreve sobre elas”*). Assim, a difusão de conhecimento reuniu alunos, professores, colegas, pesquisadores e visitantes; foram várias gerações de alunos e bolsistas nesses 27 anos de existência. Apoio interno na UERJ/Geografia!

O apoio externo ocorreu com geógrafos pesquisadores desde o 1º Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura, no ano de 1998, como: Paul Claval; Denis Cosgrove; Cristina Carballo, João Sarmento; Fernanda Cravidão, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro; Paulo César da Costa Gomes; Maria Geralda de Almeida; Werther Holzer; Maria Helena Vaz da Costa; Otávio José Lemos Costa; Fausto Gil Filho; Joseli Silva; Ana Maria Daou; Sonia Boomfield Ramagem; Rogerio Haesbaert, J. Seemann e outros que comungavam com as reflexões na temática da Geografia Cultural. Juntaram-se com ideias semelhantes da abordagem cultural na Geografia.

Nos últimos 27 anos, hoje, no Século XXI, o NEPEC imprimiu sem dúvida, o caminho da Geografia Cultural no Brasil. Esse caminho possui semelhanças e diferenças dos geógrafos brasileiros. A semelhança ocorre na vivência reproduzida na criação de diversos *núcleos de pesquisas* criados por geógrafos participantes, alguns como alunos de pós-graduação, nos simpósios realizados pelo NEPEC/UERJ. A origem desses núcleos não representam eventos independentes. As diferenças estão impressas nas singularidades de seus coordenadores, suas temáticas escolhidas caracterizam o singular do núcleo. Esses núcleos criados em: Uberlândia, Curitiba, Recife, Fortaleza, Salvador, São Luís, Manaus e outros; todos atestam a difusão da pesquisa da cultura nos estudos geográficos no país. As temáticas, com reflexões teóricas, sugeridas pelo NEPEC e que atingem sucessos foram: *Música e Literatura; História da Geografia Cultural; Festas; Identidade Territorial, Gênero e Sexualidade; Grupos Étnicos; Formas Simbólicas, Cinema e*

Imagens; Imaginário Espacial; Região Cultural, Paisagem Cultural e Religião. A variedade temática em harmonia com a diversidade cultural brasileira torna-se oportuna e necessária, nos dias de hoje, a compreender a espacialidade da prática cultural.

A criação da Revista *Espaço e Cultura* em 1995 se deu no âmbito de um específico contexto, em um específico ambiente da geografia brasileira e em um específico lugar, o NEPEC. Cerca de um ano e meio após a criação do NEPEC, Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa fundam o referido periódico.

A estratégia dos fundadores e editores foi a tradução de importantes trabalhos publicados originalmente em língua inglesa, francesa (em sua maioria), alemã e castelhana. Esta estratégia priorizava não apenas a divulgação de textos básicos, como de viabilizar uma base teórica para futuras gerações. O acervo que tínhamos coletados no doutoramento deveria ser dividido entre alunos e colegas. Ação corrente nas demais ciências e pouco usual no âmbito da geografia brasileira.

Em 2020 estamos completando os 25 anos de criação da Revista E&C. O contexto acadêmico geográfico brasileiro, no início, não possuía a importância e o destaque que os geógrafos ingleses e franceses dedicavam à cultura. Neste sentido foram traduzidos e publicados textos de Carl Sauer, Philip Wagner, Marvin W. Mikesell, Donald W. Meinig e Daniel W. Gade autores pesquisadores geógrafos vinculados à Geografia Cultural tradicional. E Denis Cosgrove, Peter Jackson, Don Mitchell e James Duncan vinculados à Geografia Cultural Renovada. A seleção dos textos franceses nos indicara os geógrafos pesquisadores: Max Sorre, Jean Gallais, Joel Bonnemaïson e Paul Claval; Paul Fickeler e Carl Troll foram os geógrafos alemães, e o canadense Marc Brosseau compõem com os anglo-americanos e franceses um conjunto de textos publicados. Esta tarefa apresentou cerca de 50 (cinquenta) artigos traduzidos e publicados na Revista E&C.

Ao completar esse olhar sobre a revista torna-se necessário lembrar que essa tarefa foi realizada por bolsistas, orientandos, colegas e servidores da UERJ. Primeiramente, ao amigo e sábio grupo da Gráfica da UERJ, na supervisão do Ely Severiano, conhecido por todos como Bel, durante anos. E no NEPEC, a amiga e quase geógrafa Vanda Carvalho em ampliar a difusão do conhecimento geográfico, no Século XXI, a sabedoria das ideias publicadas nesses 25 anos de existência.

Essa produção afirma a adesão por geógrafos brasileiros em estudos de geografia e cultura que enfrentou e superou dificuldades; de um lado precisou sobrepujar preconceitos e o temor de um subcampo *novo* desafiar as estruturas estabelecidas de

poder acadêmico; e de outro, mais positivo, resulta, em parte dos estímulos das agências de fomento à pesquisa - FAPERJ, CNPq e CAPES – que com base em critérios quantitativos premiam pessoas e instituições produtivas. Fui durante muito tempo contra a classificação das revistas brasileiras pela CAPES, colocando critérios e normas numa total situação que diminuiria a liberdade dos editores, suas ideias de fazer revistas e como fazê-las. Penso que a classificação de *Boa Revista* quem determina são os seus leitores.

Nessa tensão entre preconceito/temor difunde-se a Geografia Cultural. A sua importância na renovação e presença no pensamento geográfico brasileiro tem sua base sólida na história, enfatizada na produção intelectual de alguns geógrafos que encontraram na Geografia Cultural mais um caminho de tornar inteligível a ação humana no espaço.

O Texto

Se o contexto aborda o ambiente da pesquisa, o texto, isto é, o conjunto de artigos, comentários, resenhas ou dos capítulos, revela a natureza daquilo que foi produzido, revelando a existência ou não de uma política editorial e as bases sobre as quais assenta-se a produção acadêmica, isto é, as matrizes epistemológicas e metodológicas, os objetos considerados e o espaço de atuação das publicações, local, regional, nacional ou global. O pensar aberto em temas e teorias colocaram os textos da revista num novo pensar na década de 90 até os dias de hoje.

O texto diz respeito à manifestação das intenções, interesses e possibilidades no processo da produção acadêmica. Ao mesmo tempo revela quem são os autores dos artigos publicados. A análise de texto, mais do que do contexto, é crucial no processo de crítica acadêmica.

Serão apresentados a seguir breves comentários sobre alguns textos reunidos segundo algumas afinidades temáticas ou características comuns, não havendo uma análise exaustiva do conteúdo de *Espaço e Cultura*.

O primeiro número de um periódico, especialmente se este for de natureza acadêmica, deve delinear as diretrizes a que se propõe o periódico. Deve ser o marco inicial do projeto acadêmico que norteará o periódico. O primeiro número deverá tornar-se um significativo exemplar que em breve tenderá a se esgotar, tornando-se peça rara

entre os membros daquela comunidade acadêmica. O volume 1 de *Espaço e Cultura* reflete isto. Pequeno, contém apenas três artigos que apontam as diretrizes a serem seguidas.

O primeiro artigo, assinado por Roberto Lobato Corrêa, apresenta a dimensão cultural do espaço. Note-se que o título não se refere à dimensão espacial da cultura, pois esta é considerada como uma dimensão entre outras que qualificam o espaço, o objeto da geografia. Este tem uma dimensão simbólica a partir de práticas efetuadas por aqueles que vivenciam o espaço atribuindo significados tornados inteligíveis para cada grupo social. O delta interior do rio Níger, na África, e as áreas de contato entre comunidades de língua francesa e inglesa no Canadá fornecem exemplos contundentes da dimensão cultural do espaço. Espaço e simbolismo constituirão, em realidade, um dos eixos que nortearão a Revista E&C.

Zeny Rosendahl assina o segundo artigo, trazendo para o leitor as relações entre religião e espaço, por meio de algumas proposições básicas que têm origem no conteúdo de sua tese de doutorado sobre o Espaço Sagrado no Santuário Religioso Católico em Porto Caixas, Itaboraí, no RJ. A experiência da fé na pesquisa geografia após 1990 enfatiza a perspectiva cultural do indivíduo ou grupo cultural social escolhido para análise. Tais estudos abriu um caminho sistemático para a geografia da religião.

O terceiro artigo é de João Baptista Ferreira de Melo e aponta para as diversas centralidades convivendo na metrópole carioca. A centralidade, argumenta ele, não é apenas aquela da teoria dos lugares centrais, havendo inúmeras outras centralidades criadas e vivenciadas por diversos grupos sociais. O espaço está, assim, impregnado de simbolismo.

A tradução e publicação de textos considerados importantes no âmbito da geografia cultural constitui parte importante no conjunto de artigos publicados. Esta é uma tarefa importante que devia estar presente em todos os periódicos brasileiros. Ressalte-se aqui a tradução de artigos envolvendo a natureza da cultura e da própria geografia cultural. Menciona-se, assim, o debate travado entre Don Mitchell, de um lado, e Denis Cosgrove, James e Nancy Duncan e Peter Jackson, de outro, sobre a natureza da cultura. Neste debate, há ainda a participação complementar de Scott Hoefle com texto redigido em português. Ainda na mesma temática foi traduzido e publicado o importante texto de Raymond Williams, publicado originalmente na *New Left Review*, no qual o autor desconstruiu a visão de cultura como superestrutura. O texto de James Duncan, publicado em 1980, contribui decisivamente para desmistificar a tese da cultura

como entidade supraorgânica. A cultura, argumentamos, não é nem uma superestrutura nem uma entidade supraorgânica, podendo ser vista como um contexto.

A ideia de polivocalidade, que considera que processos e formas são passíveis de diferentes interpretações e não apenas uma única, está no texto de Donald Meinig, publicado em 1976, intitulado *O olho que observa – Dez versões sobre a mesma cena*. A polivocalidade é, em realidade, um dos pontos-chaves da geografia cultural pós-1980. É a tese do construcionismo discutida por Stuart Hall que está na base da polivocalidade.

As traduções de textos de Paul Claval, o criador da Revista *Géographie et Cultures*, denotam a importância acadêmica deste autor no que se refere, segundo ele próprio, à “abordagem cultural” em geografia. No entanto, a contribuição de Claval está nos textos da coleção *Geografia Cultural*, publicada também pelo NEPEC.

Temas abordados pelos autores na Revista Espaço e Cultura

A produção brasileira de geografia cultural passou, a partir de 1995 por um forte e significativo aumento. Essa produção crescente significa a adoção, por parte de inúmeros geógrafos, à geografia cultural. Tal adoção, por um lado, teve de sobrepujar pré-conceitos e o temor de um subcampo novo desafiar as estruturas de poder acadêmico. Por outro, resulta pelos estímulos oferecidos pelas instituições de fomento à pesquisa, que premiam a produção por meio de critérios quantitativos de avaliação. Essa política atinge todos os campos da ciência. A abordagem sociológica sobre a produção do conhecimento geográfico, o desenho da geografia cultural no Brasil difunde-se num desempenho acadêmico entre preconceito/temor e estímulo produtivista.

Em 1995, é publicado no NEPEC o primeiro número do periódico especializado na dimensão cultural do espaço. A Revista E&C, brasileira, posiciona-se ao lado dos periódicos existentes no meio acadêmico internacional: *Géographie et Cultures*, fundado em 1992 na França, por iniciativa do professor Paul Claval; e a revista inglesa *Ecumene*, criada pelo geógrafo Denis Cosgrove em 1994. Ambos os professores, Paul Claval e Denis Cosgrove, participaram do primeiro Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura, 1998, na UERJ.

A produção brasileira caracteriza-se pela diversidade de temas pesquisados. As referências teórico-metodológicas abarcam diferentes interpretações. Numa primeira estrutura classificatória de temas e pessoas, deseja-se não apenas introduzir a ideia de

que a localização afeta substancialmente o conteúdo da ciência geográfica, mas também uma provocação para futuros estudos.

Foram selecionados 296 textos, distribuídos em consulta à produção dos últimos 25 anos. Os temas resultam de uma interpretação dos diferentes assuntos abordados. Houve alguns agrupamentos de assuntos próximos, originando um único tema, a exemplo de literatura e música, história da geografia cultural e bibliografias de importantes geógrafos estrangeiros. Foram considerados proposições teóricas aqueles textos que propuseram novos conceitos e caminhos de interpretação. O tema paisagem possui uma diversidade de abordagens por uma dezena de autores, não apenas uma continuidade por parte deles. Alguns artigos poderiam ser enquadrados em dois ou mais temas. Desta maneira, optamos por colocá-los em temáticas abrangidas pelos artigos, exemplo – identidade territorial e religião, ou festa e religião. Foi elaborado o quadro a seguir, que representa uma análise não quantitativa e sim qualitativa e, como tal, está aberta a outras análises.

Quadro 1 - Principais temas de preferência abordados pelos autores.

TEMAS	NÚMERO DE TEXTOS
Espaço Público	17
Festas	12
Formas Simbólicas	4
Gênero e Sexualidade	28
Grupos Étnicos	5
História e Biografia	17
Identidade Territorial	15
Imagens	18
Imaginário Espacial	12
Literatura e Música	22
Paisagem Cultural	37
Cinema	6
Reflexões Teóricas	39
Pós-colonialismo	5
Região Cultural	5
Religião	108
Urbano	6

Fonte: ROSENDAHL, 2020.

O propósito do quadro foi conhecer a história das ideias compreendidas dentro do NEPEC; *ideias que fluem e se escreve sobre elas* no NEPEC. A intenção foi ressaltar a sucessão de conhecimentos produzidos, formando um estoque de conhecimento com referência espaço-temporal. As experiências dos simpósios como vem ocorrendo na UERJ, privilegiando temas novos só poderão ser analisadas dentro do panorama histórico, político, social e emocional no qual vivem o NEPEC e seus pesquisadores.

O Quadro 1 permite múltiplas análises. Ao reconhecer a história das ideias elaboradas nesses 25 anos, o tema religião apresenta um número significativo dentro os demais temas relacionados. Os estudos que estabelecem relações entre religião e espaço vêm sendo estimulados no Rio de Janeiro com o grupo de pesquisadores ligados ao Núcleo da UERJ.

Os artigos representam exemplos do conjunto de temas que, em si, constituem a proposta elaborada e introduzida pela geógrafa Zeny Rosendahl. Esses conjuntos temáticos ao qual nos referimos é composto por quatro temas: fé, espaço e tempo-difusão e área de abrangência; centro de convergência e irradiação; religião, território e territorialidade; e lugar sagrado-vivência, percepção e simbolismo.

É importante ressaltar que os quatro temas propostos não são mutuamente excludentes entre si, mas, pelo contrário, interpenetram-se. Assim, o primeiro tema que interessa aos geógrafos focaliza o estudo das principais crenças religiosas, suas origens, a difusão da fé no espaço e os agentes que desencadearam o espaço-temporalidade da religião. O geógrafo, como estudioso da religião, considera a dialética da relação entre religião e ambiente. Isaac e Büttner argumentaram que é necessário mostrar qual influência a religião tem sobre as pessoas, sua civilização, seus costumes, mas, por outro lado, devem ser mencionadas as influências externas que levam à modificação da religião considerada. A exposição da fé no tempo e no espaço em que ela ocorre é de fundamental importância para nós. O impacto da religião na paisagem não está limitado somente às características visíveis, como locais de culto, apesar de esses mostrarem mais claramente formas e funções religiosas, mas se estende a experiência da fé que símbolos e mensagens nos fornecem, alguns inteligíveis somente aos que comungam a mesma fé.

O segundo tema proposto reconhece a materialização do sagrado nas hierópolis ou cidades-santuário. O deslocamento de peregrinos em direção aos lugares sagrados envolve espaço e tempo. A peregrinação constitui um acontecimento notável, comum a maioria das religiões, inserindo-se em diferentes contextos culturais. Em relação à peregrinação, há, de acordo com as diversas religiões, um conjunto de símbolos que estão

associados a uma experiência religiosa ou a uma concepção religiosa do mundo como nos apresenta Mircea Eliade. O uso específico de mitos e ritos que variam de cultura para cultura é o ponto que merece destaque nos estudos de Marcel Mauss.

No terceiro tema a religião, por outro lado, pode ser examinada no contexto geográfico relacionado à apropriação de determinados segmentos do espaço. Os geógrafos da religião focalizam padrões espaciais que refletem o controle das pessoas e coisas, grupos religiosos e instituições sobre territórios.

No quarto e último tema do conjunto, é possível ao geógrafo analisar a vivência e percepção do espaço e sua atribuição de significados religiosos. Eliade e Yi-Fu Tuan argumentam que o verdadeiro significado do sagrado vai além de imagens, templos e santuários, porque as experiências emocionais dos fenômenos sagrados são o que se destacam da rotina e do lugar comum.

Para não concluir...

A diversidade dos temas apontadas nessa busca foi uma consequência positiva na publicação da revista. A criação da Revista E&C apresentou-se como uma estratégia de divulgar a geografia cultural no Brasil e simultaneamente criar uma sólida base teórica ao traduzir e publicar importantes textos. Trata-se de prática corrente nas outras ciências sociais, sendo pouco expressiva na geografia. Nesse sentido, a Revista *Espaço e Cultura* e a coleção *Geografia Cultural* traduziram e publicaram, entre outros, textos de Carl Sauer, Philip Wagner, Marvin Mikesell, Donald Meinig e Daniel Gade, todos vinculados à geografia cultural tradicional; Denis Cosgrove, James Duncan, Peter Jackson e Don Mitchell, todos geógrafos de língua inglesa vinculados à geografia cultural renovada; Max Sörre, Paul Claval, Jean Gallais, Jöel Bonnemaïson e Marc Brusseau, de língua francesa. Essa estratégia surtiu efeitos visíveis nas publicações de geógrafos brasileiros. Deve prosseguir a despeito do trabalho e dos custos elevados.

Ao celebrar em 2020 os 25 anos de atividade da Revista E&C, no NEPEC, a produção acadêmica do conhecimento científico em geografia cultural foi investigada em seu local. Demandas e anseios enraizavam esse conhecimento no seu lugar de debates. Se a geografia está em toda parte como nos apresentou o geógrafo inglês Denis Cosgrove, a geografia cultural converge e se difunde no NEPEC.

A Revista Espaço e Cultura encontra-se hospedada no Portal de Publicações Eletrônicas da UERJ (e-Publicações UERJ), site institucional que agrega periódicos

científicos editados na UERJ, com acesso no link <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura>>.

Oxalá, mais 25 anos no NEPEC, na Geografia e na UERJ.